

**R**esultado de um projeto coletivo de investigação de feitoria interdisciplinar — cujo eixo estava dado pelas presenças estrangeiras fundamentais nos processos de transformação física, demográfica, econômica, social e cultural da cidade de São Paulo desde finais do século XIX — este livro reflete o tema clássico da relação dos estrangeiros com as cidades, de uma perspectiva plural, do ponto de vista dos recortes temáticos e abordagens.

Entendo, contudo, a multiplicidade de experiências que constitui o estranho como categoria sociocultural e a figura clássica do imigrante, associado à exploração dos processos de modernização urbano-industrial das grandes cidades americanas, os artigos que integram o volume buscam apreender a diversidade de formas de estrangeiros (imigrantes, vizinhos, visitantes, residentes, nativos ou eternos estrangeiros) na heterogeneidade dos modos de viver, de sobreviver e simbolizar o outro.

A maior parte dos artigos que reúne este livro tiveram um nexo direto com o objetivo de investigação. Todos os artigos foram apresentados e discutidos em reuniões, seminários e workshops do projeto *Feitoria/Arpasp São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade*.

## SÃO PAULO, OS ESTRANGEIROS E A CONSTRUÇÃO DAS CIDADES

1110 245 - 240

## Sumário

Tragos e linhas de um projeto coletivo	7
Parte 1: Redes e territórios étnicos	17
Redes em processos migratórios	19
Oswaldo Truzzi	
Sarah Feldman	
Bom Retiro: bairro de estrangeiros, bairro central (1928-1945)	39
Sarah Feldman	
Sylvain Soucheau	
Presença estrangeira na indústria das confecções e evoluções urbanas nos bairros centrais de São Paulo	63
Sylvain Soucheau	
Os coreanos no Bom Retiro	89
Maria Ruth Amaral de Sampaio	
O Bexiga e os italianos em São Paulo, 1890/1920	117
Ana Lúcia Duarte Lanna	
Parte 2: Construtores da cidade	131
A aldeia na cidade: ecos urbanos de um debate antropológico	133
Adrián Gorélik	
Arturo Almandoz	
Capitais latino-americanas e urbanistas estrangeiros (1920-1950)	165
Arturo Almandoz	
A presença norte-americana e a transformação de São Paulo no pós-guerra	183
Maria Cristina da Silva Leme	
Um lugar para as elites: os Campos Elísios de Glette e Nothmann no imaginário urbano de São Paulo	209
Paulo César Garcez Martins	
Os arquitetos estrangeiros e o mercado imobiliário através da experiência de Jacques Pilon	245
Joana Mello de Carvalho e Silva	
Construtores estrangeiros e a produção arquitetônica moderna no Bom Retiro (1950-1970)	261
Stamatia Koulioumba	
Profissão: pintor-decorador. Oreste Sercelli na cultura de ornamentação arquitetônica de São Paulo	287
Solange Ferraz de Lima	
De espelhos e imagens	317
Jussara Derentzi	

Copyright © 2011 by Ana Lúcia Duarte Lanna et al

Publicado por: Juana Monteccone/ Haroldo Ceravolo Sereza/ Roberto Cosso

Editora: Juana Monteccone

Editor assistente: Vitor Rodrigo Donofrio Arruda

Projetos gráfico e diagramação: João Paulo Putini

Capa: Ana Castro/ João Paulo Putini

Revisão: Patrícia Jobá U. de Oliveira

Assistente de Produção: João Paulo Putini

Imagem da capa e quarta capa: Isabel Falleiros. *Montanha de concreto* (Série "São Paulo a pé")

EDITORA: ATUALIZAÇÃO-NAPONTE

EDITORA NACIONAL DOS EDITORES DELIVROS, RJ

111

CONSTRUTORES ESTRANGEIROS E A CONSTRUÇÃO DAS CIDADES

de Ana Lúcia Duarte Lanna. [et al.] (orgs.).

São Paulo: Alameda, 2011.

308p.

Il. em colorido.

17 cm x 23 cm x 10 mm

ISBN 978-85-344-1032-6  
1. História. 2. Arquitetura brasileira – São Paulo (SP) – Influências estrangeiras. História. 3. Imigrantes – São Paulo (Estado) – História. I. Lanna, Ana Lúcia Duarte. II. Duarte, Il. III. Título.

CDD: 981.61

CIP: 94 (815.61)

029374

ATUALIZAÇÃO-NAPONTE

Rua Santa Helena, 694 – Bela Vista

05411-000 – São Paulo – SP

TEL: (11) 3042-7800

www.atualizacao-naponte.com.br

SILVA, Janice Theodoro da. *São Paulo, 1554-1880: discurso ideológico e organização espacial*. São Paulo: Editora Moderna, 1984.

SIRIANI, Sílvia Cristina Lambert. *Uma São Paulo alemã: vida quotidiana dos imigrantes germânicos na região da capital (1827-1889)*. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial, 2003.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Sonhos africanos, vivências ladinas: estranhos e forros em São Paulo (1850-1880)*. São Paulo: Hucitec, 1998.

## Os arquitetos estrangeiros e o mercado imobiliário através da experiência de

Jacques Pilon

Joana Mello de Carvalho e Silva

Este artigo analisa os graus variados de inserção social e profissional dos arquitetos estrangeiros em São Paulo nos modos pelos quais produziram a cidade, considerando as relações de reciprocidade e conflito entre a condição de estrangeiro e o contexto local. Para tanto, recupera-se algumas das questões levantadas pelo seminário *Os estrangeiros e as cidades no modo como elas foram discutidas no projeto temático São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade*, especialmente na maneira pela qual incidiram em minha tese de doutorado *O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960)*. Tendo como foco a formação do campo arquitetônico no Brasil, a história de São Paulo e de sua arquitetura a partir da atuação dos escritórios do arquiteto francês Jacques Pilon (1905-1962), a tese investiga não só a sua trajetória e a sua contribuição específica, mas também as de seus chefes de escritórios: os germânicos Herbert Duschene (1914-2003) e Adolf Franz Heep (1902-1978) e o italiano Gian Carlo Gasperi (1926).

Ao recuperar as trajetórias desses arquitetos foi possível notar a diversidade de suas origens, formações, motivações de viagem, perfis de deslocamento, redes sociais, econômicas, profissionais e culturais que possibilitaram diferentes formas de inserção local. Foi perceptível também que os mesmos fatores assumiram sentidos variados e tiveram desdobramentos diferentes a depender da época em que esses arquitetos estrangeiros aqui aportaram. Daí a importância de analisar a condição de estrangeiro em consonância com o contexto local, única forma de compreender as estratégias, as possibilidades e os graus de inserção desses arquitetos assim como os modos pelos quais eles produziram a cidade. Neste artigo essas relações serão investigadas inicialmente do ponto de vista do exercício profissional e em seguida a partir de um projeto específico, o Edifício Tingará (1945-49).

### *A condição de estrangeiro e o vínculo com o mercado imobiliário*

Pilon, Duschenes, Gasperini e Heep deixaram sucessivamente a Europa em 1932, 1939, 1946 e 1947 por motivos e em momentos diversos de suas carreiras profissionais. Pilon era recém-formado, Duschenes e Gasperini tinham abandonado seus cursos em função da emigração e Heep era já um arquiteto maduro, com 45 anos de idade, dono de uma reconhecida obra em Paris ao lado do arquiteto polonês Jean Ginsberg (1905-1983) (Dehan, 1987). Apesar dessas diferenças, há um aspecto comum a todos eles que é o fato de nenhum deles ter sido especialmente convidado para vir ao Brasil, seja em função de um conhecimento específico, seja em razão do reconhecimento prévio de seu trabalho.

Não se tratando de *experts*, como Le Corbusier (1887-1965), Marcello Piacentini (1881-1960) e outros tantos que aportavam no mesmo período no Brasil e na América Latina (Liernur, 2004), esses arquitetos foram impelidos a emigrar e a se estabelecer no país na condição de imigrantes individuais em busca de melhores oportunidades de vida e trabalho. Condição partilhada com outros arquitetos estrangeiros já estudados, como Gregori Warchavchik (1896-1972) (Lira, 2010), Lucjan Korngold (1897-1963) (Falbel, 2003), Daniele Calabi (1906-1964) (Calabi, 1999), Giancarlo Palanti (1906-1977) (Sanchez, 2004) e Victor Rief (1909-1998) (Rebouças, 2004), ou ainda a serem investigados:<sup>1</sup>

Se até 1933 qualquer arquiteto estrangeiro podia exercer a profissão sem dificuldade a partir deste ano, com a promulgação do Decreto Federal n. 23.569, essa prática sofreu sérias restrições dificultando a aquisição do registro definitivo do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Crea).<sup>2</sup> O registro garantia o exercício legal da profissão em seus deveres e direitos, um deles especialmente dramáticos para os arquitetos estrangeiros que era o da autoria de suas obras, uma vez que sem o referido registro eles não podiam assinar nem se responsabilizar tecnicamente por seus projetos. A título de exemplo basta mencionar que Heep demorou onze anos para adquirir o seu registro, tendo sido obrigado a voltar algumas vezes para Frankfurt,

onde se formou, e Paris, onde trabalhou, para levantar uma vasta documentação que comprovava a sua formação e ainda naturalizar-se, processo igualmente trabalhoso e dispendioso financeiramente que levou certa de cinco anos.<sup>3</sup>

A mudança na legislação profissional aliada às adversidades impostas pelos processos de naturalização limitaram o exercício profissional desses arquitetos a três alternativas:

1. Trabalhar como funcionário em empresas construtoras ou escritórios de engenharia e arquitetura locais.
2. Fundar um escritório de arquitetura em associação com um brasileiro nato ou naturalizado.
3. Abrir uma empresa construtora e contratar um profissional local como seu responsável técnico.

Embora as duas últimas alternativas sejam parecidas, há uma diferença importante que é o fato do estrangeiro poder abrir sozinho uma empresa construtora, mas não ter o direito de fazer o mesmo no caso dos escritórios técnicos de engenharia e arquitetura. A diferença revela de um lado a abertura do mercado de investimento na construção civil e uma preocupação, ainda muito incipiente, com a reserva de mercado profissional.

Em função dessas alternativas, do processo de urbanização intenso e da maneira como o campo profissional se estruturava a época, muitos desses arquitetos estrangeiros se vincularam ao mercado imobiliário. De fato, os estudos monográficos dedicados a Korngold, Heep, Palanti, Rief, Calabi e Pilon já apontavam um vínculo estreito com o mercado imobiliário, mas este elo só começou a ser valorizado e se tornou objeto de análise mais detido a partir da tese de livre-doutorância de José Lira sobre Gregori Warchavchik (Lira, 2007 e 2008). Seguindo a trilha aberta por Lira, procurei compreender e qualificar esse vínculo na tese, mostrando que a relação dos arquitetos estrangeiros com o mercado imobiliário se dava em virtude das dificuldades impostas pela legislação civil e profissional, inclusive porque desde o Decreto de 1933 e da Constituição de 1937 lhes era vetada juridicamente a atuação no serviço público e a participação em concursos públicos de projetos.

Há que se notar, contudo, que essas dificuldades atingiram Pilon, Duschenes, Heep e Gasperini de formas muito diversas. Pilon, por exemplo, chegou antes da

1 Pelo levantamento realizado nos livros de registro definitivo do Crea há cerca de uma centena de arquitetos estrangeiros em atividade em São Paulo entre 1933 e 1950, a maioria deles ainda descomunicados do meio acadêmico.

2 Decreto-Federal n. 23.569 de 11 de dezembro de 1933. Confira Disponível em: <http://normativos.confex.org.br/downloads/23569-33.pdf> Acesso em: 10 set. 2008.

3 Processo de registro definitivo de Adolf Franz Heep n. 9878.

promulgação do referido decreto, adquirindo seu registro sem problemas. Duschenes nunca o obteve, pois, diferentemente de Gasperini não concluiu o curso de arquitetura no Brasil, o que lhe garantia a obtenção automática do registro. Heep, por sua vez, levou mais de onze anos para conseguir. Essas diferenças apontam que não se pode, portanto, creditar apenas à condição de estrangeiro a explicação sobre as suas formas de atuação profissional em São Paulo nem o seu vínculo com o mercado imobiliário. É preciso também lançar luzes sobre o campo e a prática profissional local.

### O campo arquitetônico e o mercado imobiliário

De fato, até o final dos anos 1940, a maioria das empresas de arquitetura funcionava simultaneamente como escritórios técnicos, construtoras e imobiliárias. A distinção entre as atividades que compunham o setor, desde a produção, a compra e a venda de materiais, até a execução do projeto e da obra, incluindo a sua administração ou comercialização, estava presente também no âmbito profissional, seja em função da sobreposição das atribuições profissionais de arquitetos e engenheiros estabelecida pelo Decreto-Lei de 1933, seja em virtude da inexistência de faculdades de arquitetura autônomas no país até 1945.

Nesse quadro, projeto e obra eram pensados como atividades pertencentes a um mesmo profissional (Ficher, 2005). Atuando diretamente no canteiro de obras, arquitetos desenvolviam o projeto mesmo depois de iniciada a sua construção, acertando os detalhes e as necessárias revisões na medida em que o edifício era erguido. A “fase do projeto não findava necessariamente, na apresentação da proposta e aprovação pelos órgãos competentes, mas retornava, de forma dinâmica, até que se encontrava a melhor proposta” tendo em vista as exigências da legislação, os interesses dos investidores, as mudanças do mercado imobiliário e a dinâmica da obra (Rossella, 2002:105), fato verificado no levantamento dos projetos de Pilon em sua coleção na Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU-USP, e no Arquivo de processos do Piqueri. Daí a dificuldade de atribuir um valor intelectual e comercial independente ao projeto e a necessidade dos arquitetos de atuarem como proprietários ou funcionários de grandes firmas construtoras ou de pequenas empresas de projeto e obra que atuavam basicamente para o mercado imobiliário.

A atuação de Pilon, Duschenes, Gasperini e Heep no mercado imobiliário, portanto, pode ser compreendida também dentro de um campo profissional estruturado na distinção entre arquitetura e engenharia, projeto e obra, no qual eles se inseriram e

procuraram se adaptar em função das limitações impostas pela legislação civil e profissional. Essa atuação, contudo, não pode ser creditada apenas também à ausência de um campo disciplinar autônomo. Além desses fatores, há outro igualmente importante, que é o fato do mercado imobiliário ter se tornado ao longo da primeira metade do século XX um negócio cada vez mais lucrativo em São Paulo, no qual os arquitetos também se engajaram em virtude das boas perspectivas econômicas que ele representava. Motivo pelo qual era igualmente conveniente constituir escritórios de arquitetura que atuavam também como construtoras e imobiliárias, como as fundadas por Pilon entre 1934 e 1940.

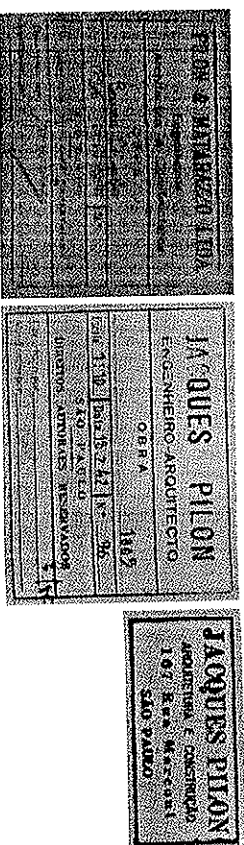


Figura 1. Carimbos da Pilmat (1934-1940), do escritório e da construtora individual de Pilon (1940-1967) (Acervo de projetos Biblioteca FAU-USP).

### A cidade como negócio

O mercado imobiliário no qual atuavam vinha se estruturando desde o final do século XIX. Graças a Lei de Terras de 1850, a abolição da escravatura, o intenso processo de urbanização e diversificação econômica e social, a cidade se tornou um investimento lucrativo e seguro no qual salvaguardar os recursos advindos da agricultura, do comércio e da indústria (Rolinik, 1997: 22-5). Ao longo do tempo, especialmente a partir dos anos 1920, esse mercado foi se diversificando contemplando vários segmentos, desde loteamentos até casas populares, passando por residências unifamiliares e edifícios verticais de uso comercial, de serviços, misto ou residencial, com investidores, porte e clientela variadas (Souza, 1994; Somekh, 1997; Rossetto, 2002). Sua ação foi muito grande entre os anos de atuação dos escritórios de Pilon, definindo zonas de expansão e adensamento e desenhando em grande medida a cidade de São Paulo.

A legislação acompanhou a estruturação do mercado imobiliário, ratificando, induzindo e regulando os espaços da cidade especialmente através de um dispositivo legal conhecido como zoneamento (Feldman, 2005). Mas além dos aspectos econômicos e

políticos que explicam o processo de ocupação de São Paulo e a atuação dos arquitetos, há outros, simbólicos, nem sempre enfatizados, que igualmente desenham a cidade.

Os códigos, assim como os planos viários, notadamente o Plano de Avenidas conformaram a face urbano-arquitetônica de uma metrópole que se afirmava como o principal polo industrial, terciário e financeiro do país. Nesse contexto, o centro, zona privilegiada dos negócios, da riqueza e do poder, foi pensado como o núcleo de representação do progresso e da modernidade metropolitana, sintetizados nesse período pela imagem do arranha-céu.

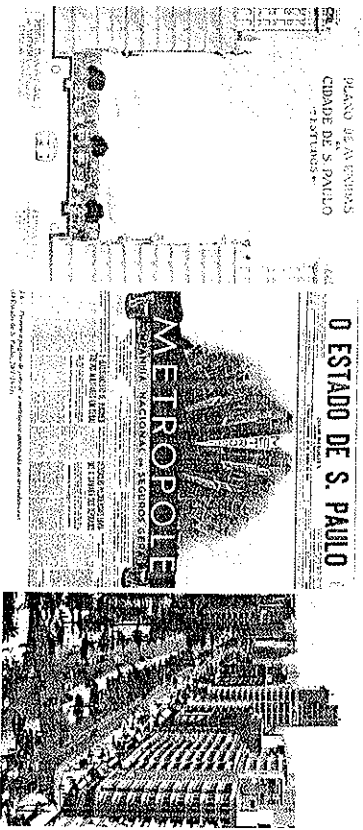


Figura 2. Seção proposta no Plano de Avenidas para a nova av. Timbiras, primeira página do jornal O Estado de S. Paulo em 1935 e av. Ipiranga nos anos 1940/50 (Somekh/Teledo).

Os escritórios de Pilon não atuaram só no centro da cidade nem se dedicaram apenas à construção de edifícios verticais, mas a sua produção nessa área e nesse segmento do mercado imobiliário foi muito significativa. Alguns de seus projetos se tornaram símbolos desse processo, louvado por revistas especializadas como a *Acropolis*, álbuns de fotografias e cartões postais.

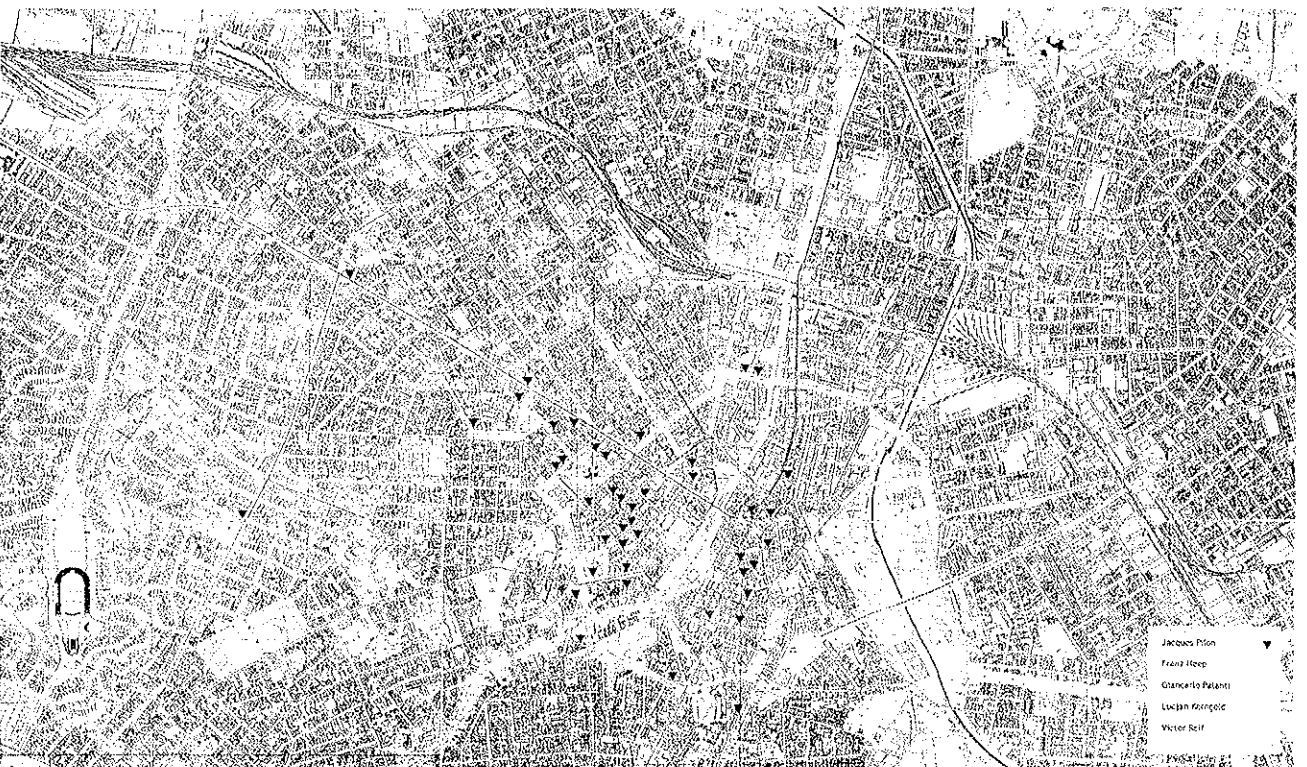


Figura 3. Edifícios realizados por Pilon na área central de São Paulo entre 1933-1962.



Analisando essa produção específica, os aranha-céus, nota-se que a contribuição dos escritórios de Pilon não reside propriamente na organização do mercado imobiliário. Como no caso da atuação profissional, menos do que inovar Pilon buscou se inserir e se adaptar a uma estrutura que já estava dada e na qual ele pode investir em função dos recursos financeiros de que dispunha e de uma seleta clientela, formada por membro da elite paulistana, que ele soube cultivar a partir das relações prévias estabelecidas por seu pai Émile Hippolite Germain Pilon<sup>4</sup> e de seu capital social de arquiteto francês formado na Escola de Belas Artes de Paris.

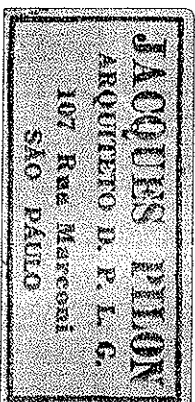


Figura 4. Neste carimbo, Pilon se identifica como Arquiteto D. P. L. G., insignia dos formados na Escola de Belas Artes de Paris (Arquivo de projetos Biblioteca FAU-USP).

A contribuição específica dos escritórios de Pilon, então, se dá no desenho do edifício, na revisão de certos programas, na expressão de seus projetos, a qual variou conforme a sua atuação e a de seus chefes de escritório, Duschenes, Heep e Gasperini.

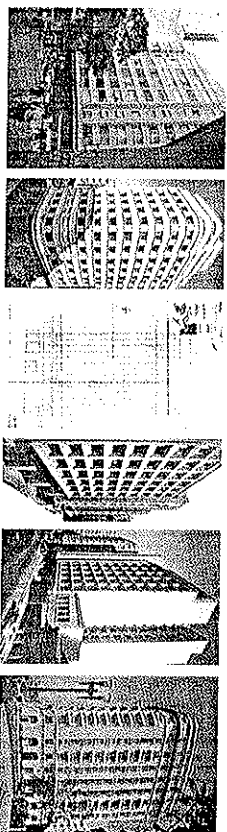


Figura 5. Projetos realizados por Pilon e Duschenes: Edifícios Paissandu (1935-1936), São Manoel (1937-1939), Ernesto Ramos (1940-1942), Anhanuas (1938-1940), Jaraguá (1939-1941) e São Luiz (1940-1942) (Fotos da autora/ Acrópole/Arquivo de projetos Biblioteca FAU-USP).

4 As informações sobre a família de Pilon foram colhidas durante a entrevista com o filho do arquiteto, Jean Louis Pilon, cedida à autora e a Marina Rosenfeld Serehar em abril de 2009. A clientela do arquiteto foi levantada junto à bibliografia citada e na Coleção Jacques Pilon do Arquivo de Projetos Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

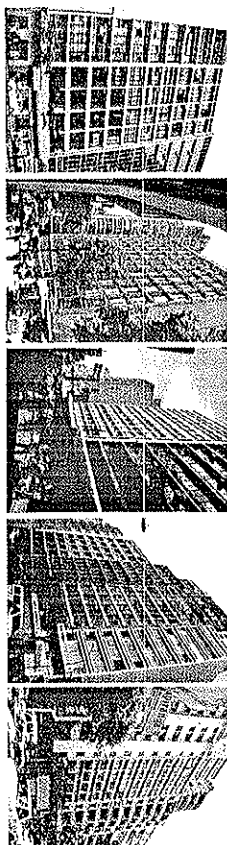


Figura 6. Projetos realizados por Heep: Edifícios Vicente Filizola (1943-1952), R. Monteiro (1945-1948), Salim Farah Malik (1945-1951), Atlarna (1945-1949), Santa Mônica (1947-1950) e Basílio Jafet (1946-1950) (Fotos da autora).

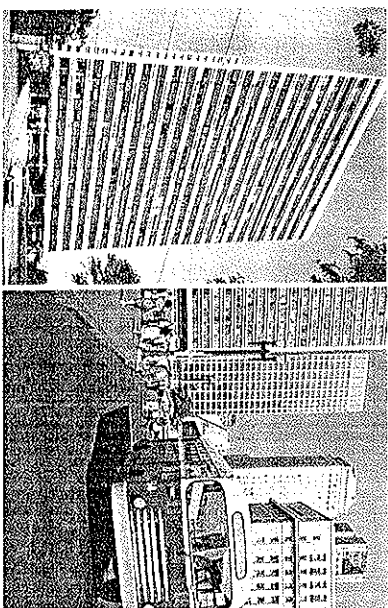


Figura 7. Projetos realizados por Gasperini: Edifícios Pauliceia e São Carlos do Pinhal (1955-1959) e Banco Moreira Salles (1956-1959) (Acrópole/São Paulo).

Desse conjunto, destaca-se o Edifício Tinguá, realizado para Hylde e Otto Schloenbach, por ser especialmente interessante para pensar as relações entre as experiências pregressas de Pilon e Heep e as transformações de suas obras no embate com o contexto local.

A primeira versão do Edifício Tinguá foi elaborada em 1945. Variação do projeto do Edifício São Luiz, a proposta foi desenvolvida respeitando o código de obras vigente que exigia a implantação do edifício nos limites do lote e recuos escalonados a partir de certo gabarito em função da largura da via e dos preceitos acadêmicos de composição. A proposta, contudo, não foi desenvolvida, sendo substituída por outra, elaborada em 1946 por Herbert Duschenes para os mesmos clientes.

de Construções de Frankfurt de 1926 a 1928 e pela experiência no escritório de Le Corbusier entre 1928 a 1932.<sup>5</sup>

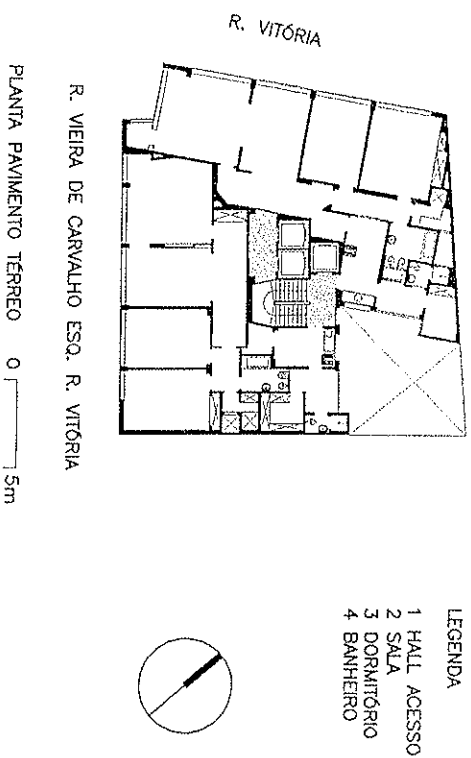


Figura 10. Versão definitiva do edifício Tingüá (1949) (Barbosa).

Do ponto de vista da composição, Heep introduz novidades para o escritório de Pilon que tem relação com a bagagem que ele trazia do aprendizado em Frankfurt e da prática profissional em Paris, ao lado de Jean Ginsberg. Essas novidades aparecem na superação da rígida ordenação tripartite e no desenho de elementos como os caixilhos onde se nota a intenção de fundir questões técnico-funcionais com estéticas, unindo engenharia e arquitetura não no sentido da prática, mas no sentido do raciocínio projetual.

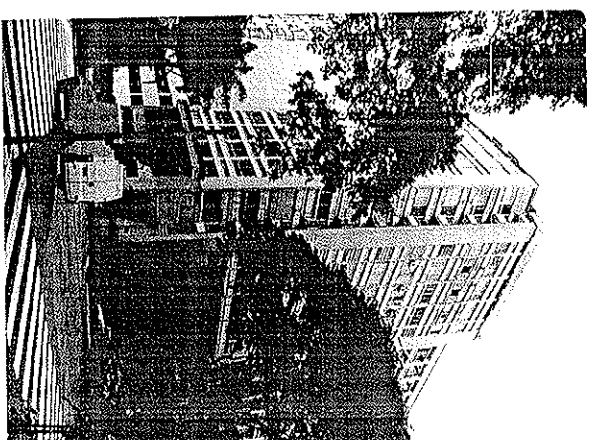


Figura 11. Versão definitiva do edifício Tingüá (1949) (Foto da autora).

Por outro lado, percebe-se uma mudança significativa na produção de Heep se comparada com a realizada em Paris com Jean Ginsberg, que vai ganhar corpo e caráter mais definido a partir do Edifício Atlanta (1945-1949) e do que ele desenvolveria posteriormente em seu escritório particular. Nessa mudança identifica-se o aprendizado de Heep também no escritório de Pilon e o seu diálogo com produção moderna local.

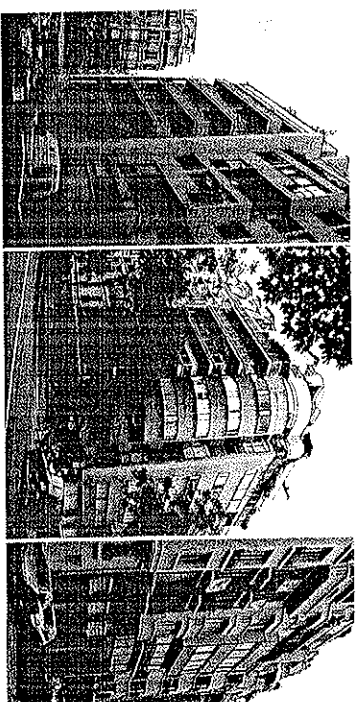


Figura 12. Edifícios nas avenidas Versalles (1933-1934) e Vion-Whitcomb (1934-1935) e na rua des Petrus (1935-1936) realizados em Paris no escritório de Jean Ginsberg (Fotos da autora).

<sup>5</sup> Processo de registro definitivo de Adolf Franz Heep n. 9878.



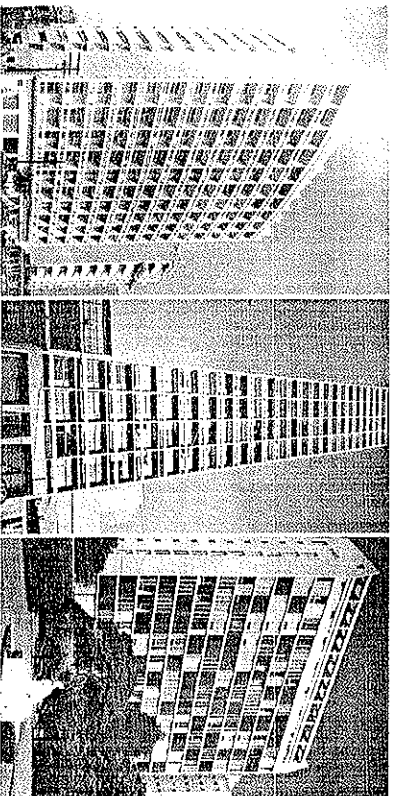


Figura 13. Edifícios Icarai (1952-1953), Arranhas (1955) e Lausanne (1953-1958) (Acropole).

O exemplo aqui escolhido não é isolado, as mesmas tensões e mudanças sendo verificadas em outros projetos do escritório de Pilon e de Heep. Menos do que tomá-lo como uma síntese de sua produção, o que se procurou mostrar através da leitura do Edifício Tinguá foi a importância de se cruzar a bagagem dos arquitetos estrangeiros que o conceberam com o contexto com o qual se debateram ao realizarem seus projetos em São Paulo. Só dessa maneira é possível identificar como esses arquitetos se inseriram profissionalmente, o que trouxeram de novo ou não, como modificaram a cena arquitetônica local e ao mesmo tempo como foram afetados por ela criando edifícios que são constituídos por uma via de mão dupla entre o local e o estrangeiro.

### Bibliografia

- BARBOSA, Marcelo Consíglho. *A obra de Adolf Franz Heep no Brasil*. Dissertação de mestrado. São Paulo, FAU-USP, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BRANCO, Uda Helena Diniz Castelo. "Jacques Pilon". In: *Warchavchik, Pilon, Rino Levi – Três momentos da arquitetura paulista*. São Paulo: Museu Lasar Segall/FUNARTE, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Arquitetura no centro da cidade: edifícios de uso coletivo, 1930-1950*. Dissertação de mestrado. São Paulo, FAU-USP, 1988.
- CALABI, Donatella. "Um arquitecto italiano em San Pablo". *Block*, Buenos Aires, n. 4, p. 104-9, dez. 1999.
- CANCLINI, Néstor García. *Desigualdad cultural y poder simbólico. La sociología de Pierre Bourdieu*. México: Escuela Nacional de Antropología e Historia/Instituto Nacional de Antropología e Historia, 1986.
- DEHAN, Philippe. *Jean Ginsberg 1905-1983: une moderne naturelle*. Paris: Comnives, 1987.
- FALBEL, Anat. *Lucjan Korngold: a trajetória de um arquiteto imigrante*. Tese de doutorado. São Paulo, FAU-USP, 2003.
- FELDMAN, Sarah. *Planejamento e zoneamento São Paulo: 1947-1972*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2005.
- FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2005.
- LIERNRUR, Jorge Francisco. "Vanguardas versus expertos. Reconstrucción europea, expansión norteamericana y emergencia del 'Tercer Mundo': para una relectura del debate arquitectónico en la segunda posguerra (una mirada desde América Latina)". *Block*, Buenos Aires, n. 6, p. 18-39, 2004.
- LIRA, José Tavares Correia de. "Ruptura e construção: a obra de Gregori Warchavchik, 1917-1927". *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 78, p. 145-167, jul. 2007.
- \_\_\_\_\_. "Arquitetura e Capital Gregori Warchavchik, da cidade à metrópole (1939-1954)". *Anais do X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, Recife, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Fraturas da vanguarda em Gregori Warchavchik*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- REBOUCAS, Ivy Smits. *A trajetória profissional de Victor Reij: 1909-1998*. Dissertação de mestrado. São Paulo, FAUM, 2004.
- ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1997.
- ROSENTHAL, Hildegard. *Cenas Urbanas*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2007.

ROSSETTO, Rossella. *Produção imobiliária e tipologias residenciais modernas. São Paulo-1945/1964*. Tese de doutorado. São Paulo, FAU-USP, 2002.

SANCHEZ, Aline Coelho. *A obra e a trajetória do arquiteto Giancarlo Piretti: Itália e Brasil*. Dissertação de mestrado. São Carlos, EESC, 2004.

*São Paulo: Twenty-eight color photos of the fastest growing city of the world*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: Livraria Kosmos Editora, 1961.

SOMEKH, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo: Studio Nobel/Edusp/Fapesp, 1977.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. *A identidade da metrópole: a verticalização em São Paulo*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1994.

TOLEDO, Benedito Lima de. *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. São Paulo: Associação de Cimento Portland, 1996.

## Construtores estrangeiros e a produção arquitetônica moderna no Bom Retiro (1950-1970)

*Stamattia Koulioumba*

### *Os judeus no Bom Retiro*

#### INTRODUÇÃO: HISTÓRICO DO BAIRRO<sup>1</sup>

O nome do bairro vem de uma das chácaras de recreio que existiam até a urbanização da região, onde foram realizadas as primeiras partidas de football, em campos da ferrovia inglesa, e fundado o Sport Club Corinthians, em 1910. O bairro era também conhecido pelas suas olarias para o fabrico de telhas e tijolos, além da Fábrica de Tecidos Anhaja e da Cervejaria Germânia (Cytrynowicz, 2005).

Situado em área de várzea junto ao rio Tietê, nas proximidades do centro de São Paulo, o Bom Retiro (Dertônio, 1971) surge, inicialmente, como área de lazer da cidade. Este bairro era composto, originalmente, por chácaras de retiro, sendo a principal delas a que lhe conferiu sua denominação, pertencente ao Marquês de Três Rios, além da Chácara Dulley, cujo proprietário era de origem inglesa e, porções significativas de terras na sua porção mais baixa, pertencentes a Manfred Meyer, outro estrangeiro. Com o aumento da imigração, ocorre uma intensificação no parcelamento do solo, nos arredores do antigo centro histórico de São Paulo, como forma de suprir a demanda habitacional que se estabelece na cidade entre o final do século XIX e o início do século XX.

Processo semelhante reflete-se em outras partes da cidade, tais como Barra Funda, Brás, Bexiga, Pari e Mooca. Porém, outros fatores culminaram para que esta área central se tornasse porto seguro para inúmeros imigrantes que chegavam a São Paulo e, rapidamente se consolidasse como reduto étnico, sobretudo, de italianos, a partir dos

<sup>1</sup> Certeau, 2008. Conforme o autor, para entender o conceito de bairro faz-se necessário um aprofundamento das relações sociais, físicas e culturais que o permeiam.